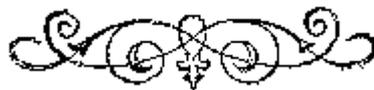


## A SEMANA – 100

John Gledson

Esta crônica é uma amostra perfeita de um recurso repetido de Machado: a “universalização” de uma metáfora, a sua aplicação a situações e assuntos os mais desencontrados: política, economia, ficção... Aqui é a dança, já usada como imagem do trabalho do cronista – “Tu, Terpsícore, me ensina...” (ver cr. 84) –, que serve aos seus fins, ajudando-o a comparar duas épocas, a primeira metade do século XIX, e seu último quarto, o “fim de século” tão cheio de portentos para o futuro. Talvez a comparação que mais lhe importa seja a dos grandes romancistas representativos dos dois períodos, Balzac e Zola. O parágrafo sobre este é curto, mas está repleto de alusões ferinas à sexualidade aberta e chocante do seu notório romance, *La Terre*. O fato de Zola, nascido em 1840 e portanto da mesma geração, ter ficado rico com os seus romances talvez agravasse o ódio (ou inveja?) de Machado, inimigo principalmente do naturalismo dele.



## A SEMANA

22 de abril de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Uma das nossas folhas deu notícia de haver morrido em Paris uma bailarina, que luziu nos últimos anos do império,<sup>1</sup> e deixa<sup>2</sup> não menos de três milhões de francos. Três milhões! Abençoadas pernas! Pernas dignas de serem fundidas em ouro e penduradas em um templo de ágata ou safira! Onde está Píndaro, que não as vem cantar? Onde está Fídias, que não as transfere ao mármore eterno?<sup>3</sup> Que músculos, que sangue, que tecidos as fizeram? Que mestre as instruiu? Três milhões!

Alguns cariocas hão de lembrar-se de uma bailarina que aqui houve, há bastantes anos, chamada Ricciolini.<sup>4</sup> Era um destroço, creio eu, de algum corpo de baile antigo. Como o público de então não dispensava algumas piruetas, qualquer que fosse a peça da noite, tragédia ou comédia, *Olgiato* ou *Fantasma Branco*,<sup>5</sup> a Ricciolini dançava muitas vezes; mas não consta, ainda assim, que deixasse três milhões. Questão de data, questão de meio. A evolução, porém, pode levar esta cidade aos três, aos quatro, aos cinco milhões. Este último quarto de século é o princípio de uma era nova e extraordinária.

E é aqui que eu pego os anarquistas. Como já estão em S. Paulo, não é preciso levantar muito a voz para ser ouvido além do Atlântico.<sup>6</sup> Concordo com eles que a sociedade está mal organizada; mas para que destruí-la? Se a questão é econômica, a

---

<sup>1</sup> Isto é, o Segundo Império, de Napoleão III (1851-1870). Foi neste período que algumas bailarinas se fizeram estrelas do palco, e entraram no elenco das “mondaines” ou “grandes horizontales”. É bem provável que os três milhões fossem amealhados em outras atividades, pois algumas destas mulheres cobravam muito aos seus amantes. Não pude identificar esta bailarina.

<sup>2</sup> Em Aurélio, “deixara”.

<sup>3</sup> Dois supremos artistas gregos, ambos celebravam o corpo humano: Píndaro (c. 522-c. 443 a.C.), que comemorava vitórias nos jogos, olímpicos e outros; Fídias (c. 500-c. 417 a.C.), o mais célebre dos escultores gregos, que esculpiu a estátua de Atena no Partenon.

<sup>4</sup> Esta atriz-bailarina parece ser Isabel Rubio Ricciolini (1792-1847), que atuou no Rio de Janeiro entre 1817-1824 e 1830-1847. Espanhola, nasceu em Lisboa. Foi, com efeito, contemporânea de Balzac (1799-1850).

<sup>5</sup> *Olgiato* é de 1841, de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), e foi criticado por Machado em “O teatro de Gonçalves de Magalhães” (1866); *O fantasma branco*, ópera em 3 atos, é de 1856, de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882).

<sup>6</sup> Não encontrei referência nos jornais cariocas nem paulistas a estes anarquistas, possivelmente produtos de um boato, numa época em que o anarquismo figurava muito no noticiário.

reforma deve ser econômica; abramos mão dos sonhos legislativos de Bebel, de Liebknecht, de Proudhon, de todos os que procuram, mais generosos que prudentes, concertar<sup>7</sup> as costelas deste mundo.<sup>8</sup> O remédio está achado. A repartição das riquezas faz-se com pouco, três rabecas, um regente de orquestra, uma batuta e pernas.

Quando a arte se contentava com ser gloriosa, as pernas rendiam pouco. Vestris, o famoso *deus da dança* do século passado, não sei se deixou vintém.<sup>9</sup> O filho de Vestris, tão hábil que diziam dele que, “para não vexar os colegas, punha algumas vezes os pés no chão”, não foi mais nababo que o pai. Entretanto, em monografia que se publicou há pouco, referem-se os tumultos, paixões, aclamações, havidos por causa dele, verdadeiramente populares e gloriosos.

Quem lê a correspondência de Balzac, fica triste, de quando em quando, ao ver as aflições do pobre-diabo, correndo abaixo e acima, à cata de dinheiro, vendendo um livro futuro para pagar com o preço uma letra e o aluguel da casa, e metendo-se logo no gabinete para escrever o livro vendido, entregá-lo, imprimi-lo, e correr outra vez a buscar dinheiro com que pague o aluguel da casa e outra letra. Glória e dívidas!

Vede agora Zola.<sup>10</sup> É o sucessor de Balzac. Talento pujante, grande romancista, mas que pernas! Como Vestris Júnior, põe algumas vezes os pés no chão. Inventou

---

<sup>7</sup> Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “consertar”. Ambos são possíveis. Dadas as referências à música, talvez a leitura do jornal seja mais provável.

<sup>8</sup> Três líderes e teóricos socialistas: August Bebel (1840-1913), alemão, fundador, com Liebknecht, do Partido Social-Democrata; autor de *A mulher no passado, no presente e no futuro* (1883), livro muito popular; Wilhelm Liebknecht (1826-1900), que converteu Bebel ao socialismo, e chefe do socialismo alemão depois do congresso de Gotha em 1875; Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), francês, autor da famosa frase “La propriété c’est le vol” [A propriedade é o roubo]. Autor, entre outras obras, de *O que é a propriedade?* (1840), e *Da justiça na Revolução e na Igreja* (1858). Polemizou com Marx, e representa uma linha mais “anarquista” (embora não apoiasse a violência com fins políticos) do que este, Bebel ou Liebknecht.

<sup>9</sup> Gaétan Balthazar Vestris (1729-1808), bailarino francês de origem italiana: o típico *danseur noble*, e o mais famoso da sua época, conhecido como “le dieu de la danse”. Seu filho ilegítimo Auguste (1788-1842) também foi reputado o maior dançarino do tempo dele: entre outras coisas “inventou” a pirueta. Não descobri a monografia recente a que se refere o cronista.

<sup>10</sup> Émile Zola (1840-1902), o romancista francês mais famoso da época, chefe da escola naturalista, e sucessor de Balzac no sentido de compor uma grande série de romances interligados (Les Rougon-Macquart), na pretensão de mostrar a sociedade francesa do Segundo Império. A opinião que Machado tinha de Zola beirava o ódio; é o oposto da grande admiração que tinha por Balzac, Stendhal, e Flaubert, grandes mestres do realismo francês. Este ponto de vista está expresso mais abertamente na resenha de *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, de 1878. Citera, ilha grega onde se cultuava Afrodite, deusa do amor, é aqui simples eufemismo irônico do sexo. Zola ficou famoso por alguns temas “escabrosos” e cenas bastante chocantes, como a de abertura de *La Terre* (1887), em que Françoise ajuda um touro que deve montar em sua vaca: com efeito, o romance é saturado de sexo e de violência. As outras duas alusões remetem a este mesmo romance: “Jésus-Christ” é a alcunha de um dos personagens do romance, Hyacinthe Fouan, que recusa trabalhar, e vive de roubar dos outros – o “sapateado” provavelmente se refere às exhibições de peidos “musicais”, sua atividade preferida (ver parte 4, cap. 3 do romance); o “famoso passo a dois no canapé” certamente alude à cena do romance que criou o maior escândalo, em que Jean Macquart e Françoise Mouche, num acesso de cio, praticam o *coitus interruptus*, para evitar ter filho (Parte 3, cap. 4): se é assim, o “canapé” é irônico, pois tudo acontece num palheiro. Zola era romancista de muito sucesso, cujas últimas produções eram sempre notícia (v. crônica de 13 de junho de 1892, nota 8, para um caso anterior), e ficou rico. *Lourdes* (1894) é o segundo romance de uma trilogia sobre cidades (*Rome, Lourdes, Paris*), em que encara o fenômeno das curas milagrosas de um ponto de vista cético, não isento de certa simpatia.

passos extraordinários e complicados, todos os de Citera, inclusive o da vaca. Inventou o sapateado de Jesus Cristo, com aquele famoso passo a dois do canapé. Trabalha agora no bailado religioso de *Lourdes*. Glória e três milhões.

Questão de data. Balzac foi contemporâneo da nossa Ricciolini, Zola da bailarina que acaba de falecer. Os resultados correspondem-se. Trago essas duas figuras principais, com o fim de comparar as situações, e também para mostrar que a arte da dança pode amparar todas as outras. A dinamite não edifica, apenas destrói e altera. Com ela, o anarquismo dispensa todas as artes, não se fazendo mais que ação violenta e arrasadora. Para que livros? Não se irão compor frases, mas descompô-las; não se tratará já de metáforas, mas de formas de linguagem diretas e positivas.

Como disse, porém, o remédio está achado: é a pirueta. Quando toda a gente dançar, é claro que ninguém ganhará três milhões, mas cada pessoa pode ganhar dois, um que seja. É quanto basta para universalizar as riquezas, e acabar de vez com o duelo do capital e do trabalho. Um que dança hoje, irá amanhã para a plateia ver dançar os outros, e dançará outra vez, e assim se alternarão os bailarinos; a arte ganhará, não menos que as algibeiras. Mas as mãos? As mãos servirão de instrumento ao espírito. A oração, a escrita, as artes, o gesto no parlamento, o adeus, a saudação, o juramento de vária espécie, judiciário ou amoroso, tudo o que é gratuito ou sublime, caberia às mãos. Só o lucro pertenceria aos pés. Eis aí o homem dividido mais racionalmente do que até agora; eis aí a sociedade reconstituída e a criação acabada.

Certamente que isto se não fará em vinte e quatro horas, nem em vinte e quatro semanas; tudo precisa de noviciado, e as melhores construções são as que levam mais tempo. Comparem<sup>11</sup> uns chamados *chalets* que aí há, com o convento da Ajuda;<sup>12</sup> os *chalets* vão-se com os aluguéis, o convento, quando o quiserem deitar abaixo, há de custar. Instituem-se desde já cadeiras de dança em todos os estabelecimentos de ensino, públicos e particulares. Outrora aprendia-se a dançar por mestre, e era apenas uma prenda, igual ao piano. Que não será quando a dança for uma instituição social e definitiva?

Corrijam-se as línguas no sentido da reforma. Emendem-se os adágios. Dize-me com quem *danças*, dir-te-ei quem és. Quem não *dança*, não mama. O frade onde *dança*, aí janta.<sup>13</sup> Invente-se uma filosofia em que todas as coisas provenham da dança; e mostre-se que a tentação de Eva no paraíso foi o primeiro exemplo da dança das serpentes. Pinte-se o Criador com uma batuta de fogo na mão, tirando do nada um grande bailado.

---

<sup>11</sup> No jornal e em Aurélio está “Comparam”. Parece erro de revisão.

<sup>12</sup> O *chalet* era moda recente: em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), Lima Barreto o chama de “expressão arquitetônica do subúrbio”; o convento da Ajuda, acabado em 1750, ficava perto do Passeio Público. Era um edifício “sem grandes pretensões arquitetônicas”, “uma pesada construção de dois andares”. Foi demolido em 1918.

<sup>13</sup> Os originais destes provérbios: “Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és”; “Quem não chora, não mama”; “O frade onde canta, aí janta”.

Quando todos dançarem, a vida será alegre, e a própria morte não será morte, mas transferência de benefício ou rompimento de contrato. Assim se dará ao mundo, além da justiça, o prazer. Nenhuma divisão, nenhuma tristeza entre os homens. Antes disso, ai de nós! há de correr muita água para o mar.

